

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG

A REGÊNCIA VERBAL EM LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO
MÉDIO APROVADOS PELO PLANO NACIONAL
DO LIVRO DIDÁTICO (2015)

Liliane Dutra Lopes Neves

Belo Horizonte

2016

Liliane Dutra Lopes Neves

A REGÊNCIA VERBAL EM LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO
MÉDIO APROVADOS PELO PLANO NACIONAL
DO LIVRO DIDÁTICO (2015)

Monografia apresentada ao curso de Especialização em gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção de título de Especialista.

Orientadora: Prof^ª. Dra Márcia Cristina de Brito Rumeu.

BANCA EXAMINADORA:

Profª. Dra Leandra Batista Antunes

Prof. Dr. Lorenzo Teixeira Vitral

Média: _____

DATA DA APROVAÇÃO: ____/____/____.

Dedico este trabalho aos meus filhos Izabela e Daniel, ao meu esposo Mateus, aos meus pais Melquíades e Marly e a minha orientadora e prof.^a Dr^a Márcia Rumeu.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me capacitar para realizar tarefas que são tão prazerosas e importantes para mim, também pelo seu cuidado constante. *Obrigada, Senhor!*

Agradeço aos meus filhos que souberam entender que nem sempre eu poderia brincar com eles ou acompanhá-los em passeios e festinhas.

Agradeço ao meu esposo Lindo que é sempre muito compreensivo, principalmente nos meus momentos de muito nervosismo.

Agradeço aos meus pais, irmãos, cunhada e sogra que ficaram com meus filhos em alguns momentos para que eu pudesse frequentar as aulas durante as férias.

Agradeço as minhas amigas Marluza Sperber e Elane que não mediram esforços para conseguirem os livros didáticos que eu tanto precisava. Sem vocês eu não teria conseguido. Às demais amigas e companheiras de curso, em especial Alexi Galáxia, que com carinho, amizade e companheirismo sempre fizeram presentes em minha vida, colorindo-a e deixando até os momentos difíceis serem inesquecíveis. Muitas risadas, choros, apertos e apoio, tudo isso foi fundamental para o nosso crescimento e para estreitarmos nossos laços.

E, finalmente, a minha orientadora e professora Dr^a Márcia Rumeu por acompanhar-me nesta etapa e sonho, sendo sempre muito educada, sábia e paciente. Obrigada pelo incentivo, presteza no auxílio e discussões sobre o andamento e normatização desta monografia. Com sua simpatia e persuasão não me deixou desistir em nenhum momento. Mais uma vez *obrigada* e parabéns pelo seu excelente trabalho.

Aos demais professores e funcionários do curso de especialização da UFMG que com dedicação compartilharam seus conhecimentos e serviços: muito obrigada!

Que Deus abençoe cada um de vocês!

O professor de língua materna é alguém que optou por conhecer sua própria língua tanto na teoria como na prática, e por compartilhar esse conhecimento com os indivíduos em formação. [...]

Se nos for permitida a analogia, um professor de língua materna tem de ser como um professor de música que ... toca.

(ILARI, Rodolfo. BASSO, Renato, 2007, p.235)

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	08
CAPÍTULO 1 A REGÊNCIA VERBAL À LUZ DA TRADIÇÃO GRAMATICAL: O ENFOQUE DE REGÊNCIAS OBSOLETAS	11
SÍNTESE DO PENSAMENTO NORMATIVISTA SOBRE A REGÊNCIA VERBAL: VERBOS COMUMEMENTE EM FOCO	14
CAPÍTULO 2 – A REGÊNCIA VERBAL Á LUZ DA PERSPECTIVA DESCRITIVISTA	16
SÍNTESE DAS PESQUISAS DESCRITIVISTA SOBRE A REGÊNCIA VERBAL SEGUNDO BAGNO	19
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE QUALITATIVA DOS MATERIAIS DIDÁTICOS: A REGÊNCIA VERBAL EM FOCO	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Há uma *ideologia* de que para falar e escrever bem é preciso dominar a língua padrão. Para tal, faz-se necessário cumprir integralmente as regras contidas nos “melhores” compêndios gramaticais, representantes da Tradição Gramatical. Nesse sentido, são orientados os alunos através de professores e de livros didáticos que, em sua maioria, priorizam o ensino elitizado da língua portuguesa. No entanto, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa – PCN’s (BRASIL, 2000, p.15-24), documento que preconiza um ensino *que atenda às expectativas de formação escolar dos alunos para o mundo contemporâneo*, reforçam a importância da consonância do ensino de língua materna em sala de aula com as várias contribuições advindas dos estudos e pesquisas linguísticos, levando professores e alunos a refletirem sobre o funcionamento interno da língua sob as suas diferentes possibilidades de uso.

Diante desse quadro contraditório com o qual o professor de língua portuguesa tem de lidar (norma gramatical *versus* norma de uso), assumimos, com este trabalho, o objetivo de analisar os livros didáticos do ensino médio aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático (2015), doravante PNLD (2015), em relação à abordagem de regências verbais, consideradas obsoletas, tal como a do verbo *assistir* com a semântica de presenciar que, na sincronia atual do Português Brasileiro (doravante PB), funciona sem a preposição *a* ("*assistir o jogo*" e não mais "*assistir ao jogo*"), conforme discutido por Bagno (2011, p. 537). Pretendemos depreender se, de fato, os livros didáticos se adequaram às contribuições das pesquisas linguísticas ou se eles ainda priorizam um ensino pautado em regras arcaicas, baseando-se apenas nas prescrições das gramáticas normativas. A hipótese condutora deste trabalho é a de que os livros escolhidos pelo PNLD (2015) tendam a se encaixar nos moldes estabelecidos pelos PCN’s em relação ao ensino de regência verbal voltados, pois, ao ensino de língua portuguesa para falantes nativos do idioma com um maior nível de espelhamento em relação à atual realidade linguística do PB.

Neste trabalho monográfico, assumimos como ponto de partida a perspectiva da tradição gramatical calcada nas seguintes gramáticas tradicionais: *Gramática do Português Contemporâneo* (CUNHA, 2015), *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (CUNHA E CINTRA, 2007 [1985]), *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (ROCHA LIMA, 2014 [1972]), *Moderna Gramática Portuguesa*

(BECHARA, 2015, [1961]). Como representantes da postura da linguística, expomos em evidência as seguintes descrições do PB: *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro* (BAGNO, 2011) e *Gramática do Português Brasileiro* (PERINI, 1995). Na sequência, passamos ao levantamento das abordagens do tema em análise, *regência verbal*, nos livros didáticos aprovados pelo PNLD (2015). Por fim, tecemos algumas generalizações finais acerca da postura dos livros didáticos em relação à exposição do tema *regência verbal* nos materiais didáticos.

JUSTIFICATIVA

O tema deste trabalho é importante tanto para professores de Língua Portuguesa quanto para os seus falantes, tendo em vista o significativo número de aulas reservadas a esse conteúdo gramatical. Afinal, muitas pessoas (especialmente os professores de português) acreditam que o estudo dos manuais de gramática tradicional é a chave para um bom desempenho linguístico. Por outro lado, a desconsideração da expressão correta da *regência verbal* não é tão estigmatizada na fala quanto é, por exemplo, a concordância – ou a sua ausência – tanto na expressão linguística falada, quanto na escrita.

Neste trabalho, a proposta é a de, inicialmente, catalogar quais são efetivamente as formas verbais cujas regências são expostas na gramática normativa como a evidência da tradição gramatical portuguesa, cf. CUNHA e CINTRA (2007 [1985]), BECHARA (2015 [1961]) e ROCHA LIMA (2014 [1972]). Na sequência, pretendemos contrapor o levantamento acerca das regências verbais privilegiadas pelas gramáticas tradicionais aos estudos linguísticos representados pelas gramáticas descritivas do PB, cf. BAGNO (2011) e PERINI (1995). Por fim, buscamos analisar como os livros didáticos do Ensino Médio tratam esse conteúdo gramatical, observando se é conferida alguma relevância aos resultados dos estudos linguísticos por parte dos autores de livros didáticos ou se apenas tomam por base as gramáticas tradicionais ou ainda se houve uma mescla entre as perspectivas normativista e descritivista. Em outras palavras, o objetivo maior deste trabalho monográfico é observar, descrever e comparar o que é prescrito em obras normativas no campo de *regência verbal* da atualidade com aquilo que é efetivamente usual no PB contemporâneo, levando em conta, é claro, os resultados das pesquisas linguísticas. A partir desse panorama comparativo, buscamos verificar qual teria sido a

postura adotada pelos livros didáticos, uma vez que eles são as ferramentas dos docentes e, na maioria das vezes, o único material utilizado como objeto de pesquisa pelo aluno.

OBJETIVOS

OBJETIVOS GERAIS

- ✓ Contrastar os padrões de regência verbal explicitados nos livros didáticos do Ensino Médio aprovados pelo PNLD (2015) à luz das prescrições tradicionais ou da realidade linguística do PB;
- ✓ Verificar se os livros didáticos do ensino médio aprovados pelo PNLD (2015) têm levado em consideração os resultados das linguísticas no âmbito da *regência verbal*.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Analisar os livros didáticos do Ensino Médio aprovados pelo PNLD (2015) à luz de três gramáticas normativas (ROCHA LIMA, 2014 [1972]; BECHARA, 2015 [1961]; CUNHA E CINTRA (2007 [1985]) e de duas gramáticas descritivas (BAGNO, 2011; PERINI,1995);
- ✓ Verificar a natureza das regras que atuam nos livros didáticos quanto aos padrões de *regência verbal*;
- ✓ Reunir os verbos mais frequentes nas listas oferecidas pelos livros didáticos;
- ✓ Refletir acerca da contribuição dos resultados das pesquisas linguísticas no âmbito da regência verbal nos livros didáticos aprovados pelo PNLD (2015).

CAPÍTULO 1

A REGÊNCIA VERBAL À LUZ DA TRADIÇÃO GRAMATICAL: O ENFOQUE DE REGÊNCIAS OBSOLETAS.

Algumas mudanças ocorreram no quadro das regências verbais na história do PB, o que acarretou uma ausência de correlação entre a descrição gramatical e os resultados das análises linguísticas. Assim sendo, nesta subseção da revisão do tema, buscamos descrever a abordagem dada às regências obsoletas à luz do modelo de língua esperado pela gramática tradicional, para, na sequência, contrastarmos, com a abordagem assumida pelas gramáticas descritivas do PB.

A regência verbal está intimamente ligada à transitividade verbal, porque ambas têm o verbo como eixo norteador. No entanto, o estudo sobre a transitividade verbal não será aprofundado neste trabalho. É sabido que a transitividade verbal diz respeito à relação de exigência, ou não, do verbo com o seu complemento, o chamado “objeto” (complemento verbal). Para as gramáticas tradicionais, o importante para o bom uso da linguagem está, basicamente, na relação sintática harmônica travada entre o verbo (predicador) e o seu complemento, seja ele direto (objeto direto), indireto (objeto indireto).

Já a regência, segundo Bechara (2015 [1961]), é o processo sintático em que uma palavra determinante subordina uma palavra determinada, sendo a marca da subordinação expressa por preposições após o verbo. E segundo Cunha e Cintra (2007 [1985]), a palavra determinante é **regida** e o termo a que ela se subordina, **regente**. Esses gramáticos, ao apresentarem as regências possíveis e aceitáveis do verbo *assistir*, fazem uma observação quanto ao uso desse verbo na linguagem coloquial dos brasileiros, que, por sua vez, parece preferir a complementação do tipo objetiva direta (“*assistir o jogo/um filme*”). Inclusive, citam os gramáticos um exemplo da escritora Clarice Lispector em que optou a autora pela regência gramaticalmente condenada pela tradição gramatical.

“*Só a menina estava perto e assistiu tudo estarecida*”.

“Trata-se de um filme **que** eu **assistia**”. (C. Lispector)

Fazem o mesmo com o verbo *chamar*, ao evidenciar o que a tradição gramatical prescreve e como é, predominantemente, usado na linguagem coloquial e, às vezes, até na literatura modernista.

“**Chamaram-no de mentiroso, de ingrato e de vítima**”. (C. Drummond de Andrade)

Apesar de mostrarem alguns exemplos de usos na linguagem moderna, esses autores apresentam uma lista de verbos¹ com regências obsoletas, ou seja, em desuso, que a língua com seu dinamismo já substituiu por outras, e com exemplos da literatura clássica. Contudo, tiveram o cuidado de criar uma seção denominada “Diversidade e igualdade de regência” em que elencam alguns verbos, como *aspirar, meditar, carecer, viver, chorar e contentar-se*, contextos para os quais admitem mais de uma possibilidade de regência verbal, tendo em vista, em geral, a diversidade de regências como uma evidência da expressão variável do verbo em relação a seus actantes, como mostram os exemplos a seguir.

Aspirar [= sorver, respirar] *o ar da montanha.*

Aspirar [= desejar, pretender] *a um alto cargo.*

Meditar *num assunto.*

Meditar *sobre um assunto.*

Rocha Lima (2014 [1972]) apresenta a regência de, ao menos, trinta verbos. São eles: *abdicar, abraçar, ajudar, aspirar, assistir, atender, casar, chamar, custar, esforçar-se, esquecer, implicar, informar, interessar, investir, lembrar, morar, obedecer, pagar, perdoar, preferir, presidir, prevenir, proceder, querer, renunciar, responder, socorrer, suceder e visar*. O gramático antes mesmo de apresentar as acepções do verbo *assistir*, afirma que algumas já estão em desuso, mas não apresenta exemplo algum dessas regências mais raras. Pelo contrário, apresenta as que ainda, segundo o autor, são vivas na língua. Contudo, os exemplos citados são de autores do século XIX, alguns até de escritores europeus:

“Eu desejava *assistir à extinção* daquelas aves amaldiçoadas” (Graciliano Ramos)

“Organizaram-se congregações de homens e mulheres para *assistir aos* doentes, *aos presos, aos réus da justiça humana.*” (Camilo Castelo Branco)

“Quem *assistiu ao* primeiro imperador na obra de criar a nacionalidade brasileira? ”

(Latino Coelho)

Para o verbo *assistir*, Rocha Lima (2014 [1972]) apresenta cinco acepções que, segundo ele, são as que persistem no português. São elas:

¹ CUNHA & CINTRA: aspirar, assistir, chamar, ensinar, esquecer, interessar, lembrar, obedecer, perdoar, responder, visar.

1. *Com sentido de estar presente a, ser espectador de, presenciar:*

“Infelizmente os meus olhos não gozaram a bem-aventurança de *assistir a esse espetáculo vivo do nosso evangelho.*” (Rui Barbosa)

2. *Sentido de competir, caber (direito, ou razão, a alguém):*

“[...] o direito que *assiste ao autor* de ligar o nome a todos os seus produtos intelectuais.” (Rui Barbosa)

3. *Sentido de servir de ajudante a alguém, acompanha-lo, assessorá-lo:*

“Fazer competência de quem mais há de *assistir o príncipe*” (Antônio Vieira)

4. *Sentido de prestar socorro a um doente, agonizante ou desvalido, tratando-o, ou confortando-o moralmente:*

“Deus bom, que *assiste os coitados.*” (Cyro dos Anjos)

5. *Sentido de ajudar, proteger alguém:*

“Enquanto conservou (Sansão) os cabelos, *assistiu-o Deus.*” (Antônio Vieira)

Dessa maneira, segundo esse autor o verbo *assistir* é mais usado como transitivo indireto, contudo pode aparecer como transitivo direto dependendo do sentido que ele tem no texto.

O gramático Evanildo Bechara, na sua *Moderna Gramática Portuguesa* revista e ampliada (2015 [1961]), ao tratar do assunto em questão, discorre sobre a marca de subordinação expressa pela preposição em construções com complementos de termos de regências diferentes. O autor teve o cuidado de exemplificar os usos mais comuns na linguagem coloquial e, por vezes, por escritores clássicos e/ou modernos contrastando com o que é observado pela tradição gramatical como o usual. Sendo assim, afirma que *o rigor gramatical exige que não se dê complementos comuns a termos de regência de natureza diferente*. A seguir, elenca alguns exemplos que se deve evitar, consoante o preceito prescritivo que, no entanto, é muito produtivo inclusive na escrita clássica:

“Tenho-o visto *entrar e sair* do Colégio S. Paulo”

(Alexandre Herculano, O monge de Cister I, 154)

Os verbos *entrar* e *sair* pedem preposições diferentes. Assim sendo, a construção da frase acima estaria errônea, visto que *entrar* pede a preposição *em* e ao verbo *sair* cabe a preposição *de*. Bechara afirma que o gênio da nossa língua, o autor supracitado (Alexandre Herculano) tolera tais simplificações, principalmente quando vêm dar ao pensamento uma agradável brevidade e concisão que a construção gramaticalmente lógica nem sempre conhece. O gramático conclui que a língua prefere as construções abreviadas insistentemente condenadas pela gramática tradicional sem, contudo, obter grandes vitórias.

Após elencar esses e outros exemplos, o autor lança uma lista extensa de verbos² e nomes com as suas respectivas regências, que segundo ele, são as corretas para o bom uso da língua. Sempre com observações em nota de rodapé para os usos considerados errados, apesar de muito frequentes na linguagem coloquial. Apesar de o enfoque contrastivo inicial entre norma padrão e uso real da língua, ainda há uma forte tendência em priorizar o ensino de regências rechaçadas e obsoletas, ao serem disponibilizadas pelas gramáticas listas com os verbos e suas regências consideradas corretas e aceitáveis pela norma-padrão.

SÍNTESE DO PENSAMENTO NORMATIVISTA SOBRE A REGÊNCIA VERBAL: VERBOS COMUMENTE EM FOCO.

VERBO	REGÊNCIA TRADICIONAL
Aspirar – no sentido de pretender, desejar	Verbo transitivo indireto – o objeto indireto vem precedido pela preposição a (ou <i>por</i>) – aspirar a algo.
Assistir – no sentido de presenciar	Verbo transitivo indireto – o objeto indireto vem precedido pela preposição a – assisti a algo.
Chegar – locativo	Verbo transitivo indireto – pede a preposição a junto a expressão locativa. Não <i>em</i> junto à expressão de lugar.

² Alguns verbos da lista: agradecer *a*; assistir *a* (=presenciar)/ assistir (=ajudar); atingir; bastar *a*; chegar (-se) *a*; dar *a*, *em*, *com*, *por*; desobedecer *a*; esquecer-se *de*; implicar *com*; lembrar-se *de*; namorar; obedecer *a*; pagar *a*, *de*, *em*; perdoar *a*; perguntar *a*, *por*; preferir *a*; satisfazer *a* (-se) *com*; sobressair *em*, *por*; suceder *a*; visar (=pretender) *a*, visar (=dar o visto), etc.

Custar – sentido de ser difícil	Verbo transitivo indireto – quando seguido de verbo no infinitivo pede a preposição a .
Desobedecer – (e obedecer)	Verbo transitivo indireto – pede objeto indireto acompanhado da preposição a , e aceita voz passiva.
Esquecer – sentido de “sair da lembrança” / pronominal	Verbo transitivo direto - sentido de “sair da lembrança”; quando pronominal pede objeto indireto encabeçado da preposição de .
Ir – diretivo	Verbo transitivo indireto – pede a preposição a quando o verbo denota direção – ida e retorno. E para quando dá ideia de transferência definitiva de lugar.
Lembrar – No sentido de “vir à memória”	Sentido de “trazer à memória” é transitivo direto. Na acepção de “fazer recordar” constrói-se com objeto direto e indireto. No sentido de “vir à memória” admite construção pronominal acompanhada da preposição de .
Preferir –	Verbo transitivo indireto – pede a preposição a junto ao objeto indireto. Preferir algo ¹ a algo ²
Visar – sentido de “ter em vista” Sentido de “mirar, apontar”	Verbo transitivo indireto – pede objeto indireto acompanhado da preposição a . Verbo transitivo direto – pede objeto direto.

QUADRO 1 – Regência tradicional de verbos mais comumente em foco.

CAPÍTULO 2

A REGÊNCIA VERBAL À LUZ DA PERSPECTIVA DESCRITIVISTA

Segundo Bagno (2011), as classificações tradicionais de transitividade verbal fazem referência ao tipo de complemento que é acionado pela semântica do verbo ou, no caso dos intransitivos, pela ausência de complemento. No entanto, afirma o autor que será o contexto discursivo que determinará o caráter transitivo e/ou intransitivo de um verbo. O linguista admite que as regências verbais mudam com o tempo porque os falantes interpretam inovadoramente o significado dos verbos, atribuindo-lhes novos sentidos ou atribuindo-lhes paralelismo sintáticos com verbos de significados semelhantes, admitindo assim nova regência (há caso em que o mesmo verbo admite duas ou mais regências). Como exemplo, o autor cita o verbo *implicar*, que tradicionalmente é transitivo direto, que usado sem preposição tem não só uso análogo ao dos verbos *englobar*, *envolver* e *compreender*, mas também é frequente como transitivo indireto por analogia com o verbo *resultar*, que, por sua vez, admite a preposição *em*. Sendo assim, o uso ou não da preposição parece variar livremente. Outro verbo que ganhou nova regência é o verbo *preferir*, que, de acordo com a gramática tradicional, é transitivo direto ou bitransitivo, não devendo ser usado com a conjunção comparativa *que* (ou *do que*). No entanto, mostra-se usual a presença desse conector aliado ao verbo *preferir* tanto na fala de pessoas consideradas “cultas”, quanto em textos escritos mais monitorados.

“Público *preferiu* ver as sessões de músicas no Odeon *do que* participar delas”

(O Globo)

“Porque a elite brasileira *prefere* viver na vergonha *do que* arriscar a perda dos seus privilégios.”

(Cristovam Buarque, *Os instrangeiros*, p.125)

No intuito de argumentar acerca da produtividade variável das regências verbais no PB, Bagno traça um paralelo com os verbos mais estigmatizados pela gramática tradicional, contrastando-os com o seu uso contemporâneo na variedade de prestígio do PB. Verbos como *namorar*, cuja a única regência aceita pela gramática tradicional é *namorar alguém*, é amplamente produtivo nessa variante de prestígio do PB,

assumindo, pois, dupla regência, ora como *namorar com alguém*, ora *namorar alguém*, cf. discutido por Bagno (2011)³. O verbo *assistir* no sentido de presenciar é altamente usado no PB como transitivo direto, provavelmente pela analogia semântica com os verbos *ver*, *presenciar*, *frequentar* que são todos transitivos diretos. Contudo, a tradição insiste em afirmar que deve ser usado apenas como transitivo indireto, seguido, pois, da preposição *a*, dessa forma deve-se dizer “*assisti ao espetáculo*” e não “*assisti o espetáculo*”.

Bagno (2001), ao analisar a regência dos verbos *ir* e *chegar* com os sentidos de direção/movimento/destino, constatou a preferência pelo uso não-padrão. Ao ampliar sua investigação para outros tipos de verbos com sentido locativo estático, deparou-se com um crescente declínio do uso da preposição *a*, em favor do uso da preposição *em* ou, em alguns casos, da preposição *para*. Cita, o autor, exemplos como *estar à/na janela*, *falar ao/no telefone*, *sentar-se à/na mesa*, *telefonei à/para Maria*, *emprestei o carro ao/para João* e outros. Com o decréscimo de *a/à* e a ascensão de *em/no* aumenta-se a dificuldade de os brasileiros fazerem o uso da crase e com isso, não fazerem a regência prevista pela tradição. Usa-se a preposição *a*, segundo o autor, em situações mais monitoradas, quando se faz necessário o uso mais requintado da escrita. Essa preferência brasileira tem muito sentido, pois, segundo o linguista, na fala, o uso da preposição *a* pode causar eventuais enganos, já que existem outros itens gramaticais com a mesma fonética, como é o caso do verbo *haver* (*há* - forma verbal flexionada na 3ª pessoa do Indicativo) e do artigo *A* (uma coincidência ortográfica). Bagno acredita que, para evitar ambiguidade, em um enunciado como *Recomendei a professora à escola*, que poderia ser interpretada como *Recomendei à professora a escola*, a ocorrência preferida seja *Recomendei a professora para a escola* ou *Recomendei para a professora a escola*.

Passemos à percepção do linguista Mário Perini em relação ao tópico *regência verbal* que, mais uma vez, está ancorada à *transitividade verbal*. Quanto à relação entre termo regido e termo regente, Perini (1995) afirma que essa relação se manifesta de formas variadas. Ele dá alguns exemplos de verbos que fazem exigências de certos complementos em sua oração. Inicia com o verbo *fazer* que “exige” a presença de um objeto direto, sendo assim é possível dizer: *Gato faz barulho de noite*, mas não seria gramatical dizer: **Gato faz de noite*. Entretanto, há verbos que “recusam” certos

³ Bagno (2011, p.538)

complementos, como é o caso do verbo *nascer* que não pode nunca ter objeto direto **Ele nasceu um nascimento tranquilo*, ao passo que *morrer* pode, ao menos em casos específicos, como *Ele morreu uma morte tranquila*. E há casos em que os verbos aceitam livremente a presença ou ausência de certos complementos. O verbo *comer* é um desses verbos:

Meu gato já comeu todo o mingau (aparece o objeto direto)

Meu gato quase não come (sem a presença do objeto direto)

Portanto, Perini (1995)⁴ propõe uma nova análise para os verbos que admitem mais de tipo de complemento, e no caso do exemplo supracitado, o autor o classifica como um caso particular de regência que se denomina transitividade verbal. Assim, em vez de definir um verbo como transitivo direto ou indireto e intransitivo, acrescentaríamos as noções de verbos que exigem um objeto direto (noção de exigência – Ex-OD):

(a) Evaristo faz lindas cortinas.

(b) * Evaristo faz.

Verbos que recusam o objeto direto (noção de recusa – Rec-OD):

(a) Meu irmãozinho nasceu no sábado.

(b) * Meu irmãozinho nasceu um nascimento tranquilo.

E verbos com aceitação livre (L-OD), que são os verbos que podem ocorrer com o objeto direto e sem ele.

(a) Meu gato já comeu todo o mingau.

(b) Meu gato quase não come.

Para Perini, a descrição da transitividade verbal deve ser feita em termos de *exigência*, *recusa* e *aceitação livre* de cada uma das funções sintáticas relevantes. Com isso, o autor quer dizer que os verbos podem fazer exigências diferentes das previstas pela gramática tradicional. É pertinente e inovador, no sentido de que o autor vai contra o que se tem postulado até então na tradição gramatical e a favor da expressão da norma

⁴ Perini (1995, p.164)

de uso do PB. Considerando o exposto, nesta subseção da revisão do tema sobre a regência na perspectiva dos descritivistas Bagno e Perini, fica evidente que o que se pretende não é propor a extinção do ensino de gramática das salas de aulas. Ao contrário, a intenção é mostrar como é urgente mudar a dinâmica do ensino, fazem-se necessárias aulas mais científicas, ou seja, pautadas na prática de uso da língua. O linguista Marcos Bagno sugere aos professores que promovam pesquisas acerca das regências verbais, levantando ocorrências em textos disponíveis na internet e em textos oferecidos aos alunos pelo LD através de exemplos que corroborem e/ou rejeitem a prescrição.

Na mesma linha argumentativa, a linguista Antunes⁵ (2014) entende que se deve ensinar norma culta, mas ensinar uma norma aberta, flexível, ancorada na observação dos usos orais e escritos pelos setores letrados brasileiros. Para que os alunos percebam como as regências acontecem na prática, ou seja, promover convívio dos alunos com materiais expressos no padrão culto da língua e catalogar possíveis flutuações de algumas regências, dando, assim, espaço ao debate e à análise dos compêndios de regras tradicionais e fixas.

Não dá mais para abraçar e decorar os trinta verbos com suas regências obsoletas colocados por Rocha Lima (2014 [1972], p. 508-542) com suas possibilidades fixas de usos de preposições conforme o sentido do verbo; nem decorar a lista enorme de verbos enumerados em vastas páginas da gramática de Bechara (2015 [1961]) e algo semelhante acontece em Cunha e Cintra (2007, [1985] p. 533-554). É preciso entender como se usa a língua em suas várias possibilidades.

SÍNTESE DAS PESQUISAS DESCRITIVISTA SOBRE A REGÊNCIA VERBAL SEGUNDO BAGNO (2011)⁶

Verbo	Regência contemporânea
Agradar	Verbo transitivo direto. Agradar alguém.
Agradecer	Verbo transitivo direto ou indireto. Agradecer alguém, agradecer <i>a</i> alguém.
Aspirar de pretender, desejar	Verbo transitivo direto. Aspirar <i>algo</i> .

⁵ Antunes (2014, p. 75)

⁶ Bagno (2011, p. 537-538)

Assistir – no sentido de presenciar	Verbo transitivo direto. Assistir <i>algo</i> .
Chegar	Verbo transitivo indireto. Chegar <i>em</i> ou <i>a</i> algum lugar.
Custar – sentido de ser difícil	Como sujeito da oração a preposição aparece antes do verbo no infinitivo ou não aparece. <i>Custei resolver</i> <u>ou</u> <i>Custei a resolver estes problemas</i> .
Desobedecer – (e obedecer)	Verbo transitivo direto. Desobedecer (ou obedecer) alguém/algo.
Esquecer	Esquecer-se de algo/alguém ou esquecer de algo/alguém.
Implicar	Verbo transitivo indireto. Implicar <i>em</i> algo (envolver, acarretar)
Ir	Verbo transitivo indireto aceita as preposições <i>em, para, a</i> algum lugar.
Lembrar	Verbo transitivo indireto pronominal ou não – Lembrar-se de algo/alguém ou lembrar de algo/alguém.
Namorar	Verbo transitivo direto ou indireto. Namorar <i>com</i> alguém; namorar alguém.
Perdoar	Perdoar algo/alguém.
Preferir	Verbo transitivo direto – Preferir algo (1) [<i>mais</i>] <i>do que</i> algo (2).
Visar – no sentido de “ter em vista”	Verbo transitivo direto – pede objeto direto, logo sem preposição.

QUADRO 2 - Levantamento feito por Bagno da regência dos verbos no uso real da língua.

Uma vez revisto o tema da *regência verbal* nas gramáticas prescritivas e descritivas do português, passamos à análise desse tópico gramatical nos livros didáticos aprovados pelo PNLD 2015.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE QUALITATIVA DOS MATERIAIS DIDÁTICOS: A REGÊNCIA VERBAL EM FOCO

Nesta seção, a reflexão recairá sobre **sete** dos dez⁷ LDs de língua portuguesa aprovados pelo PNLD 2015 especificamente em relação à abordagem concedida ao tópico "regência verbal". Nesse sentido, optamos pela análise dos livros do terceiro ano do ensino médio, ano em que o tópico gramatical *regência verbal*, geralmente, é ensinado. Apresentamos a seguir a listagem de todos os títulos das coleções, vinculando-os aos autores e à editora.

COLEÇÃO	AUTORES	EDITORA
1º Português Linguagens	William Roberto Cereja Thereza Cochar Magalhães	Saraiva
2º Novas Palavras	Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite Severino Antônio	FTD
3º Português Contexto, Interlocução e sentido	Maria Luiza M. Abaurre Maria Bernadete M. Abaurre Marcela Pontara	Moderna
4º Língua Portuguesa: Linguagem e Interação	Faraco Moura Maruxo Jr	Ática
5º Português Linguagens em Conexão	Graça Sette Márcia Travalha Rosário Starling	Leya
6º Ser Protagonista Língua Portuguesa	Editor responsável Rogério de Araújo Ramos	SM
7º Língua Portuguesa	Roberta Hernandes Vima Lia Martin	Positivo
8º Viva Português	Elizabeth Campos Paula Marques Cardozo Silvia Letícia de Andrade	Ática
9º Português: Língua e Cultura	Carlos Alberto Faraco	Base Editorial
10º Português Vozes do Mundo – Literatura, Língua e Produção de texto	Lilia Santos Abreu Tardelli Lucas Sanches Oda Maria Arruda Campos (coord) Salette Toledo	Saraiva

QUADRO 3 – Livros aprovados pelo PNLD (2015)

⁷ Não foram analisados os dez livros aprovados pelo PNLD 2015 devido à falta de acesso a três livros que completam a coleção, sendo eles os seguintes: o 5º livro *Português Linguagens em Conexão*, o 8º *Viva Português* e o 10º *Português Vozes do Mundo – Literatura, Língua e Produção de texto* ambos do 2º ano.

Essa análise não tem a pretensão de apenas identificar possíveis falhas nos LDs, mas de analisar se há um diálogo entre as pesquisas científicas no material de Português aprovado pelo PNLD, adotado, pois, pelas escolas do Ensino Médio no Brasil. Buscamos, com isso, observar se esses livros já incorporam resultados de pesquisas linguísticas sobre a variação no quadro de regências ou se ainda se mantêm fiéis à perspectiva tradicional. Convém esclarecer que as possibilidades de investigação sobre este material didático ainda estão longe de serem consideradas como esgotadas.

No primeiro livro da lista acima, *Português Linguagens*, a parte destinada à regência verbal começa com a letra de uma música de Tom Jobim *Meditação* e na sequência são lançadas perguntas sobre a transitividade de alguns verbos (*procurar, acreditar, transformar, voltou*) e às suas necessidades de complementos. Em seguida, apresentamos a lista de quinze verbos cuja regência costuma suscitar dúvidas e, como era de se esperar, são elencadas apenas as regências aceitáveis pela gramática tradicional. São esses os quinze verbos eleitos por esse LD: *aspirar, assistir, chamar, esquecer/lembrar, informar, obedecer/esquecer, pagar e perdoar, preferir, querer, simpatizar e antipatizar, visar*. No canto inferior esquerdo, um quadro é exposto com três verbos - *aspirar, atender e visar* - e suas novas regências, diferentes das prescritas pela norma-padrão devido ao grande emprego na linguagem usual e jornalística. Porém, é dado apenas um exemplo, do verbo *visar* no sentido de “ter em vista, pretender”, que exige a preposição *a*, como em “A reunião com representantes estrangeiros visava à ampliação de exportações de soja”, mencionando-se, entretanto, o emprego corriqueiro de *visar* em “A reunião com representantes estrangeiros visava a ampliação de exportações de soja”.

Os exercícios deste livro visam a fixar a regência padrão da língua e a identificar os termos regente/regido, além de reestruturação de frases em que as regências estão em desacordo com a norma padrão. Neste título, foi possível observar que há uma ausência de correlação entre os estudos da linguística e o ensino de língua materna. Trata-se de um livro ainda muito conservador.

No segundo livro da lista, *Novas Palavras*, o tópico *regência* é introduzido com a seguinte explicação:

Os mecanismos de regência são, em grande parte, responsáveis pela estruturação sintático-semântica dos enunciados linguísticos; daí a importância de conhecer melhor esses mecanismos e de utilizá-los adequadamente, principalmente nos textos que requerem o emprego da variedade padrão do idioma. (AMARAL, Emília *et al.* 2013, p.270)

Em seguida, retomam-se alguns conteúdos gramaticais, considerados pré-requisitos para o estudo da regência, como **transitividade verbal e objeto** (verbo intransitivo – sentido completo, não exige complemento: “A cidade *dormia* em silêncio”. Verbo transitivo direto – sentido incompleto, exige objeto sem preposição inicial – **OD** – “A chuva *estragou a festa*”. Verbo transitivo indireto – sentido incompleto, exige objeto iniciado com preposição – **OI** - “Ninguém *confia em estranhos*”. Verbo transitivo direto e indireto – sentido incompleto, exige os dois objetos – **OD** e **OI** – “*Devolvi o livro ao vendedor.*”) os **pronomes oblíquos na função de complemento verbal** (o, a, os, as – sempre objeto direto: “Todos aqui *a* conhecem.”; lhe, lhes – sempre objeto indireto: “Eu sempre *lhe* obedeci.”; me, nos, te, vos, se – objeto direto e indireto – Todos aqui *te* conhecem bem - **OD** / Ela já *te* devolveu o livro - **OI**) e as **funções dos pronomes relativos na função de complementos** (*que, o/a qual, quem, cujo* etc – Já comprei o material **de que** vocês precisarão para reformar a casa.). Considerando esse ponto de partida, é iniciada a abordagem da *regência* em um maior nível de detalhamento.

Os autores começam afirmando que, no estudo da *regência verbal*, como em outros tópicos gramaticais, há uma necessidade de adequação à situação de uso. Por isso, determinada regência de um verbo pode ser adequada em um contexto e ser inadequada em outro, apontando os seguintes exemplos:

- Quando o ser humano irá à Marte?
- Quando o ser humano irá **em** Marte?

As estruturas são equivalentes e cabe ao emissor optar por uma delas, responsabilizando-se o falante por avaliar sua aceitabilidade em função da situação comunicativa, formal ou informal. A primeira frase é a prevista pela norma-padrão e a segunda frase é a da norma de uso no PB atual. Adiante, os autores dividem os verbos em dois grupos, o primeiro grupo é constituído de verbos que apresentam uma determinada regência na vertente padrão e outra, na coloquialidade. O segundo grupo é formado por verbos que, na norma-padrão, apresentam mais de uma regência verbal. Os exemplos de regências dos verbos do *grupo 1* são apresentados lado a lado, o que facilita a comparação, visto que também é justificado, no início da seção, este como um dos critérios para a escolha desses verbos é o fato de serem os mais usados. Os verbos (do grupo 1) em análise pelo LD *Novas Palavras* são os seguintes: *assistir, ir e chegar, obedecer e desobedecer, pagar e perdoar, preferir, visar*, ou seja, os verbos são

basicamente os mesmo do livro anterior, *Português Linguagens*. Em ordem alfabética, são dados os exemplos comparativos e um quadro com as conclusões, como mostra o exemplo abaixo.

1. ASSISTIR

Esse verbo tem três sentidos principais: “auxiliar”, “caber, pertencer” e “ver, presenciar, atuar como espectador”. É nesse último sentido que ele é mais comumente empregado. Comparemos estes exemplos:

- Ela não *assiste* filmes de violência. → variedade coloquial
- Ela não *assiste aos* filmes de violência. → variedade padrão
- Pela TV, *assistimos à* premiação dos atletas olímpicos. → variedade padrão

[Observe, nesse último exemplo, o *assistir a+a* premiação → *assistir à* premiação.]

Verbo assistir (significando “ver, presenciar”)

Na variedade coloquial	Na variedade padrão
É um verbo transitivo direto (VTD); apresenta objeto direto. Assim: • <i>assistir</i> [algum coisa].	É um verbo transitivo indireto (VTI); apresenta <i>objeto indireto</i> iniciado pela preposição a. Assim: • <i>assistir a</i> [alguma coisa].

E assim, sucessivamente, aparecem os demais verbos. No final desta explanação, em forma de resumo do que foi estudado, são expostas as regências de alguns verbos segundo a *norma-padrão* do nosso idioma para os verbos do primeiro grupo (*assistir, ir e chegar, obedecer e desobedecer, pagar e perdoar, preferir, visar*). Os exercícios seguem a mesma linha de comparação, em que ora a norma-padrão é privilegiada, ora a linguagem coloquial é exposta em evidência. No entanto, prevalece a perspectiva de que não existe certo/errado, mas sim possibilidades.

No segundo grupo, apresentam-se os verbos em que há variação de transitividade associadas, quase sempre, a mudanças em seu significado. Os cinco verbos *aspirar, assistir, informar, querer e visar* são apresentados seguindo o mesmo modelo do primeiro grupo como está ilustrado a seguir.

1. ASPIRAR

Compare, nos exemplos, as diferenças de regências e de sentido deste verbo.

- No alto da serra, *aspira-se* um ar muito limpo.
 - No túnel, exaustores *aspiram* a fumaça dos carros.
 - O jovem executivo *aspirava* ao cargo de diretor.
 - Todos sempre *aspiramos* à felicidade e à paz.
- } aspirar = respirar/sugar
} aspirar = pretender/almejar

VERBO ASPIRAR

No sentido de “respirar, sugar”	No sentido de “pretender, almejar”
É VTD ; apresenta objeto sem preposição inicial (objeto direto). Assim: • <i>aspirar</i> [algum coisa].	É VTI ; apresenta <i>objeto indireto</i> iniciado pela preposição <i>a</i> . Assim: • <i>aspirar a</i> [alguma coisa].

E assim foi feito com os demais verbos da lista.

Nesta seção, nada foi comentado sobre outras possibilidades de uso real das regências desses verbos no PB. São exibidos em conformidade com a norma-padrão do idioma alguns verbos, como *assistir* e *visar*, porque já fazem parte do primeiro grupo, os demais verbos apenas são apresentados em relação à sua forma padrão, como se estivessem em harmonia os usos coloquial e padrão, o que, como já é sabido, não é verdade. Os exercícios propostos neste LD (*Novas Palavras*) tendem a favorecer a fixação das regras prescritas pela gramática tradicional e a distinção entre as normas prescritiva e real (uso).

O terceiro LD em análise, *Português Contexto, Interlocução e sentido*, apresenta o conteúdo de forma muito sucinta e afirma que apresentará a regência de alguns verbos, para que o aluno adquira o hábito de refletir a respeito da questão da regência verbal. Em seguida, são elencados apenas quatro verbos e suas regências tradicionais. Trata-se dos verbos *assistir*, *esquecer*, *implicar* e *preferir*. Um quadro exemplificativo intitulado *De olho na fala* é exposto como evidência da expressão da norma-padrão da língua, comentando as construções frequentes em situações informais da oralidade que, embora sejam aceitáveis na informalidade do uso, devem ser evitadas em texto formais.

Os exercícios, alguns com tirinhas e excertos de textos, são apresentados para que o aluno seja capaz de identificar e depois corrigir as regências inadequadas, segundo as regras da gramática normativa, nesses gêneros textuais. Há uma pequena

tentativa de mostrar ao aluno que, em contextos informais, é aceitável esse tipo de estrutura sintática, principalmente quando se trata de uma tirinha que tende a mostrar situações corriqueiras do dia a dia. Para a tirinha a seguir exposta, foi pedido ao aluno que encontrasse uma inadequação de regência verbal e explicasse em que consistia tal inadequação em uma das perguntas do personagem *Calvin*.



Imagem 1: p. 292 – Português Contexto, interlocução e sentido.

Também para a tirinha de Níquel Náusea abaixo exposta seguiu-se o mesmo encaminhamento observado para a tirinha do *Calvin*.



Imagem 2: p. 292 – Português Contexto, interlocução e sentido.

O quarto LD em análise, *Língua Portuguesa: Linguagem e Interação*, na contramão dos livros já analisados, não apresenta listagem de verbos alguma com suas possibilidades de regências. Ao contrário, sugere que, em caso de dúvidas sobre qual preposição usar ou não usar, deve-se consultar uma gramática ou um dicionário para sanar tais imprecisões. O livro começa com uma proposta denominada *Mecanismo sintáticos de coesão e coerência linguística*, em que o aluno tem a oportunidade de substituir a figura de um losango (◊) por alguma palavra – à escolha do aluno, no trecho

de um texto de Érico Veríssimo: *Olhai os lírios do campo*. Em seguida, solicita-se que o aluno o compare com o texto original. A pretensão é mostrar que não há muitas divergências, pois a escolha por determinada preposição (palavra) não é ao acaso, e sim que, o aluno escolheu a preposição certa porque o uso e o sentido determinam essa escolha.

Neste LD, é afirmado também que os problemas de regência podem surgir por dois motivos, o primeiro porque o verbo envolvido não é usual, ou seja, o aluno nunca utilizou o verbo e por isso desconhece qual preposição por ele é exigida, segundo porque existe uma diferença entre o uso formal e informal. E, assim, sugere a consulta de compêndios através dos quais as regras do português padrão formal estão registradas para sanar dúvidas, equívocos, titubeios linguísticos. Seguem, então, os exercícios que visam o reconhecimento de desvio da norma-padrão em frases jornalísticas e/ou anúncios, além das frases soltas ou de trechos de textos diversos.

O sexto LD analisado é *Ser Protagonista Língua Portuguesa*. O tópico regência é iniciado com a análise de uma tirinha da Mafalda, personagem do cartunista argentino Quino. São lançadas perguntas referentes à interpretação. No entanto, o alvo principal é o recurso verbal (verbo *colocar*) utilizado no texto, em que há a omissão do objeto direto na frase dita por uma das personagens (*coloco a televisão_{OD}*). Entretanto, através do contexto, é possível inferir o objeto a ser colocado, inexistindo prejuízos para o estabelecimento da comunicação.



Sem muito explorar o recurso verbal da tirinha, os conceitos de termo regente (“palavras transitivas que projetam um argumento necessário a sua completude de sentido”) e termo regido (“palavras que preenchem esses argumentos”) são expostos, em dois quadros de modo a apresentar alguns verbos com sua transitividade, a


preposição exigida ou não em seu complemento vinculando-os aos significados desses verbos e exemplificando-os. No primeiro quadro, são elencados os verbos *aspirar*, *assistir*, *implicar*, *visar*. No segundo quadro, são apresentados os verbos *acarretar*, *chegar*, *consistir*, *desfrutar*, *(Des)obedecer*, *ir*, *morar*, *namorar*, *perdoar* e *preferir*.

Há apenas mais um exercício neste LD referente à regência verbal que tem por base uma frase retirada de um relato pessoal do ator Lecão (Alexandre Costa Magalona), que participou da minissérie global *Suburbia*: “*Quando eles cismavam de ir para outros lugares eu: ‘Vou não, mano, por causa da minha mãe’*”. Neste exercício, dividido em três perguntas, sendo que, em (a), o aluno é submetido a reescrever a frase, que está na variedade coloquial, passando-a para a norma-padrão da língua portuguesa. Em (b), pergunta-se ao aluno qual das construções é mais típica na fala do cotidiano, a que aparece no texto – na fala do ator - (*Quando eles cismavam de **ir para** outros lugares eu*) ou a que ele reescreveu (É esperado que o aluno escreva: *Quando eles cismavam de ir **a** outros lugares eu*). Por último, em (c), o aluno tem a oportunidade de opinar ao responder se ele acha que é proposital a falta em desacordo com a norma-padrão da língua.

Há um quadro explicativo no qual se afirma que é usual os falantes utilizarem construções em desacordo com as regras prescritivas da regência (como é o caso do verbo *ir* que aparece na fala do ator Lecão). Ainda afirma que é comum, inclusive, em situações discursivas mais formais que envolvem falantes considerados cultos, construções em que a regência está em desacordo com o prescrito pela tradição.^[LDLN4] Continua fazendo uma afirmação que não condiz com o tipo de exercício e com os quadros expostos anteriormente, pois afirma que esses usos indicam que determinadas construções fixadas na norma-padrão não correspondem às atuais variedades urbanas de prestígios. E, assim, termina a parte destinada ao estudo da regência.

O sétimo LD que consta na lista dos aprovados pelo PNLD, *Língua Portuguesa*, começa a seção com uma tirinha da personagem Hagar e de Cris Browne e lança perguntas sobre os complementos dos verbos que aparecem no texto da tirinha. Trata-se dos verbos “roubar” e “dar”. Assim como os outros livros da lista, há a exposição das noções de termo regente e termo regido, transitividade verbal, enfocando, pois, a relação entre tais verbos e seus complementos. Outros exemplos de verbos intransitivos, transitivos diretos e indiretos são expostos. À título de exemplificação, tem-se o verbo “visar” que, segundo a gramática normativa, aceita mais de uma regência e cada uma

delas corresponde a um significado diferente de expressão de sentidos. O verbo *visar* no sentido de “mirar” ou “pôr visto em documento” comporta-se como transitivo direto, ao passo que com o sentido de “pretender”, “objetivar” é considerado transitivo indireto. Na sequência, seguem os exemplos:

“O atirador <u>visou o alvo</u> ”	“A funcionária <u>visou o passaporte</u> ”
VTD OD	VTD OD
	
“Nós <u>visamos à posição de destaque</u> ”	
VTI	OI

Na sequência à explicação introdutória, é apresentado um quadro com alguns verbos que, segundo os autores, geralmente suscitam dúvidas quanto à regência verbal. Esse quadro é nomeado **Variante Normativa** composto pelos seguintes verbos: *agradar, aspirar, assistir, implicar, informar, obedecer e desobedecer*. No rodapé aparecem as seguintes explicações:

1. “Assistir” no sentido de residir é pouco utilizado na linguagem cotidiana.
2. O verbo “preferir” liga-se ao objeto indireto pela preposição “a”. No entanto, em variantes urbanas de prestígios, ele é observado sendo acompanhado da expressão “do que”.

Prefiro doce **a** salgado.

Prefiro doce **do que** salgado.

Também há exemplos comparativos entre língua utilizada em situações menos monitoradas e a língua prevista pela tradição gramatical. A explicação para um possível desvio à regra prescritiva está relacionada às distinções (mínimas) na semântica do verbo. E assim, faz-se a seguinte comparação:

“ <u>Chamei os bombeiros</u> ”	“ <u>Chamei pelos bombeiros</u> ”
VTD OD	VTI OI

Os autores deste livro explicam que, conforme a tradição gramatical, o verbo “chamar”, usado como transitivo direto, tem o sentido de “convocar”, “fazer vir”. Por outro lado, já é usado como transitivo indireto – vinculado ao complemento pela preposição *por* – significa “invocar”. Como os dois sentidos são muito próximos, no uso efetivo da língua, ambas as regências costumam ser empregadas indistintamente. Foram

observadas, neste LD em análise, algumas regências que, embora estejam em desacordo com a norma-padrão da língua, já estão consagradas pelo uso inclusive na língua de prestígio do PB. Como exemplos são expostos os verbos “namorar” e “implicar” (no sentido de “acarretar”), ambos transitivos diretos, ainda que sejam produtivos, no PB contemporâneo, tais verbos como transitivos indiretos, conforme está ilustrado através dos seguintes exemplos expostos no LD em questão:

“Kátia namorou [com Marcos] por seis meses.”

VTI OI

“Essa decisão implica [em mais gastos]”

VTI OI

Em vez de:

“Kátia namorou [Marcos] por seis meses.”

VTD OD

“Essa decisão implica [mais gastos]”

VTD OD

A seção voltada ao tópico regência verbal termina com mais um quadro, este sobre a regência dos verbos “esquecer” e “lembrar”. Novamente, a intenção dos autores parece ser mostrar como se deve fazer dentro da perspectiva gramatical e como, de fato, é usual no cotidiano. Esses verbos sempre aparecem juntos porque apresentam a mesma regência e podem ser usados de duas formas: pronominal e não pronominal. Como pronominais, eles são, segundo a tradição gramatical, transitivos indiretos e devem ser vinculados aos seus complementos por meio da preposição “de”.

“Esqueci-me [de você].”
 VTI OI Preposição

“Ele se lembrou [do ocorrido].”
 VTI OI Preposição

Não sendo pronominais, os verbos *esquecer* e *lembrar* podem ser sintaticamente interpretados como transitivos diretos e, por isso, dispensam o uso da preposição.

“Esqueci [você].”

VTD OD

“Ele lembrou [o ocorrido].”

VTD OD

Pôde-se constatar a prevalência de construções que combinam as duas regências, como em “Esqueci de você” e “Lembrou do ocorrido”, destoando, pois, da prescrição gramatical. Os autores sugerem aos estudantes que, na dúvida quanto à regência de um verbo, devem consultar um manual de gramática ou um dicionário.

O nono LD em análise, *Português língua e cultura*, é encabeçado com o título “Tópicos de língua-padrão” e se propõe a discutir aspectos da língua-padrão que exigem cuidados especiais quanto à escrita. E inicia o estudo mostrando como é quase universal no português falado no Brasil (e comum também em Portugal) o apagamento da preposição - exigida pela regência do verbo - antes do pronome relativo. Como mostram os exemplos colhidos pelos autores:

“O livro que eu mais **gostei** foi *Dom Casmurro*.”

“Esta é a casa que ele **mora**.” (sentença relativa)

“O compositor que eu mais **simpatizo** é o Gilberto Gil”

Citam exemplos retirados de textos do autor Luis Fernando Veríssimo, um dos melhores escritores contemporâneos brasileiros, e assinalam que o que tiver marcado com parênteses vazios significa que foi apagada a preposição e foi acrescida uma sentença simples para identificação de qual é preposição de cada caso.

- ✓ Eu cheguei em casa com os mesmos sapatos () que saí. [Saí **com** estes sapatos]
(*Comédia da vida privada*, p. 34),
- ✓ Ele perguntou por parentes () que ela não se lembrava. [Ela não se lembrava **de** nenhum parente] (CVP, p.77)

E, assim, seguem outros exemplos do mesmo autor, com uma breve nota de que apesar de serem frequentíssimas na fala e já ocorrerem em textos de escritores consagrados, estas construções com a preposição apagada ainda não são bem aceitas pelo nosso padrão escrito, em especial em textos formais. Por isso, a recomendação dos autores é que sempre se faça a releitura dos textos para verificar se não faltou alguma preposição antes do pronome relativo. Nesse sentido, seguem os autores com um número extenso de frases para colocação ou não de preposições antes dos pronomes relativos. E outros exemplos de regência são dados, primeiro com verbos transitivos diretos, em seguida com verbos transitivos indiretos.

“A prefeitura **construiu**_{VTD} um novo terminal rodoviário_{OD}.”

VTD OD

“Esta loja só **vende**_{VTD} roupas esportivas_{OD}.”

VTD OD

“Os alunos **leram**_{VTD} vários romances no ano passado_{OD}.”

VTD OD

“Nós **concordamos**_{VTI} com o professor_{OI}.”

VTI OI

“Eles **confiam**_{VTI} em nossos amigos_{OI}.”

VTI OI

“Os gauleses **resistiram**_{VTI} ao ataque dos romanos_{OI}.”

VTI OI

Após os exemplos, algumas explicações são dadas para justificar o desuso de algumas preposições em casos de verbos transitivos indiretos. Entre elas, a justificativa é que alguns verbos passaram por um processo de mudança em seu regime. Então, tem-se a regência clássica ao lado de uma regência moderna, como é o caso dos verbos *assistir*, *aspirar*, *visar*, *atender* e *obedecer*. Cabe ao falante optar por ser mais conservador ou mais inovador, mesmo que algumas gramáticas insistam em considerar *erradas* as regências modernas. Afirmam, por outro lado, que nem todos os gramáticos e dicionários condenam a regência moderna. Alguns como o *Houaiss* e o *Aurélio* costumam tratar esta duplicidade de regência como normal e por isso registram as duas. Seguem alguns exemplos expostos no LD:

“Nós assistimos **(a)**o jogo da seleção.”

“Eles sempre estão aspirando **(a)**os novos cargos.”

“Nós vamos atender **(a)**os pacientes agora.”

“O espetáculo agradou **(a)**os jovens.”

“É preciso obedecer **(a)**os novo regulamento.”

“Eles nunca visam **(a)**o lucro.”

Um quadro de observações mostra uma possível resposta para a mudança na transitividade de alguns verbos. *Aspirar*, por exemplo, com o significado de “inalar”, era transitivo direto e, com o sentido de “almejar”, “pretender”, era transitivo indireto. Como mostra os exemplos a seguir expostos:

“Ao chegar ao topo da montanha, o rapaz **aspirou** profundamente o ar gelado.”

“Desde jovem, meu irmão **aspirava a** um emprego naquela empresa.”

No entanto, com o passar do tempo, esse verbo, no segundo sentido, passou a ser usado também como transitivo direto. E acreditam os estudiosos da língua que isso se deu por força de seus sinônimos *almejar*, *pretender*, *desejar* serem transitivos diretos. Semelhantemente, aconteceu com os verbos *assistir*, *atender*, *visar*, como um processo de mudança por contaminação sintática. Por isso, os autores deixam claro ser um absurdo condenar o uso contemporâneo.

Vale ressaltar que no livro *Português língua e cultura*, de Carlos Alberto Faraco, o autor teve o cuidado de ressaltar que seriam discutidos aspectos da língua-padrão escrita e contrastou com construções comuns na fala e até mesmo em texto de escritores modernos. Entretanto, os exercícios privilegiaram apenas a fixação da norma-padrão. Foi solicitada a reestruturação de frases adequando-as às normas padrão da língua e justificação do uso das preposições nas frases.

Em suma, ao fim dessas análises dos LDs, foi possível perceber que se configura um descompasso entre as pesquisas científicas e seu aproveitamento na elaboração de materiais para o ensino de português, comportamento também observado por Lopes (2012) em relação à abordagem dos pronomes pelos livros didáticos. Os materiais utilizados no Ensino Médio mantêm, em muitos casos, a mesma postura conservadora das gramáticas tradicionais, apresentando e impondo o quadro tradicional das regências verbais. De uma forma geral, nos LDs consultados, os comentários acerca das regências verbais são feitos em seções destacadas, apresentando uma perspectiva relativamente comum, similar à adotada pela gramática tradicional. Há pouquíssimo diálogo com as pesquisas científicas que retratam a realidade variável do quadro das regências. Com o intuito de proporcionar um ensino mais real, democrático e inclusivo, além da apresentação da perspectiva tradicional, a natureza heterogênea e variável do português

brasileiro não deveria ser omitida e/ou relegada a um plano periférico nos materiais didáticos elaborados para o ensino de português.

Os resultados do estudo demonstram que alguns autores dos LDs analisados evidenciam certo descompromisso entre o que é proposto pelas indicações do Guia do PNLD 2015 e pelas orientações dos PCN's (2000). Apesar disso, é possível perceber, no entanto, que alguns autores (AMARAL *ET AL.*, HERNANDES *ET AL.*, E FARACO) tentam alinhar-se, de alguma forma, às novas perspectivas teóricas e metodológicas para o ensino de língua materna para falante nativo do idioma, ou seja, ensinar português para quem já sabe português, cf. discutido por Travaglia (1996), cf. o quadro a seguir exposto.

AUTORES MAIS INOVADORES (LIVROS DIDÁTICOS)	AUTORES MAIS CONSERVADORES (LIVROS DIDÁTICOS)
Emília Amaral <i>et al.</i> - <i>Novas Palavras</i> Roberta Hernandez e Vima Lia Martin - <i>Língua Portuguesa</i> . Carlos Alberto Faraco ⁸ - <i>Português: Língua e Cultura</i> .	William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães: <i>Português Linguagens</i> . Maria Luiza M. Abaurre <i>et al</i> - <i>Português Contexto, Interlocução e sentido</i> . Faraco, Moura e Maruxo Jr - <i>Língua Portuguesa: Linguagem e Interação</i> . Editor responsável: Rogério de Araújo Ramos - <i>Ser Protagonista Língua Portuguesa</i> .

QUADRO 4 – LDs inovadores *versus* conservadores.

⁸ Esse autor mostrou-se inovador nas explicações e nos exemplos ao contrastar língua em uso real e a prescrição gramatical. Contudo, nas propostas de exercícios ainda se mantém bastante conservador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro aspecto a ser observado em relação ao ensino de língua portuguesa para falantes que já assumem o PB como L1, nas escolas brasileiras, é que a simples transposição de regras arcaicas da gramática normativa para os livros didáticos o torna improdutivo e incoerente. Ao analisar sete dos dez LDs do ensino médio aprovados pelo PNLD 2015, tornou-se evidente que alguns autores (três LDs dos sete analisados, conforme mostra o quadro na página anterior) ainda insistem em prescrever regras anacrônicas. Essa constatação é lamentável, visto que se assume (inconscientemente, talvez) que a uniformização da língua como o foco com base na transmissão de regras improdutivas no atual sistema linguístico do PB, o que se evidencia como, no mínimo, ingênuo, além de demonstrar uma ausência total de perspectiva científica.

Segundo a linguista Antunes (2007, p.104-105)⁹ “somente uma língua idealizadamente descontextualizada é uniforme”. Tal fato “os próprios usuários se encarregam de desmitificar”. Todavia, foi possível perceber que já há autores de LDs buscando elucidar a diferença entre saber a norma-padrão e o bom uso da língua, que é exatamente saber usar a língua adequando-a às suas condições de uso. Esses autores não tratam a norma-padrão como decididamente a melhor, mas como mais uma possibilidade de uso. Afinal, o desafio maior é mostrar-se suficientemente competente para se expressar em conformidade com as condições da atividade verbal, munindo-se, pois, da ideia de que “não existe língua sem variação”, cf. Antunes (2007, p.106). Quanto maior for o domínio das potencialidades de uso de uma língua, maior será a capacidade de seus usuários as fazerem adequadamente em circunstâncias diversificadas. Isso não quer dizer que o aluno não aprenderá a norma-padrão da língua portuguesa, apenas saberá que não deverá usá-la o tempo todo, em toda e qualquer situação comunicativa.

Os livros *Novas Palavras, Língua Portuguesa e Português: Língua e Cultura* já estão caminhando na direção das propostas das pesquisas linguística. Nesse sentido, seus autores já se atentaram para a dinâmica variável da língua e souberam, em certa medida, valorizar as variedades, não as vendo, pois, como deturpações humanas da linguagem. Por outro lado, alguns autores de LDs ainda insistem em ‘esconder’ de seus

⁹ Antunes (2007, p.104-105)

alunos a imensa riqueza da linguagem, suas cores e nuances, seu enorme significado para a constituição de cada um de nós e da história do nosso país. Isso acentua o contraste entre língua de prestígio (norma-padrão que por motivos históricos é a mais prestigiada) e língua coloquial. No entanto, a língua não precisa ser interpretada – e ensinada nas escolas – como algo fixo e rígido. Como afirma Antunes (2014)¹⁰, as diversificações linguísticas não ameaçam a integridade da nossa língua portuguesa, mas, ao contrário, transparecem-lhe a vivacidade que lhe é inerente como uma legítima língua humana.

¹⁰ Antunes (2014, p.71)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I – LIVROS DIDÁTICOS:

ABAURRE, M. Luiza; ABAURRE, M. Bernadete; PONTARA, Marcela. *Português: Contexto, interlocução e sentido*. 2ªed. São Paulo: Moderna, 2013. 3v.

AMARAL, Emília *et al.* *Novas Palavras*. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2013. 3v.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza C. *Português Linguagens*. 9ªed. São Paulo: Editora Saraiva, 2013. 3v.

FARACO, Carlos A. *Português língua e cultura*. 3ªed. Curitiba: Base Editorial, 2013. 3v.

HERNANDES, Roberta; MARTIN, Vilma Lia. *Língua Portuguesa*. Curitiba: Editora Positivo, 2013. 3v

MARUXO JR, Faraco M. *Língua Portuguesa: Linguagem e interação*. 2ªed. São Paulo: Ática, 2014. 3v.

RAMOS, Rogério de A. *Ser Protagonista: Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições SM, 2013. 3v.

II – LIVROS TEÓRICOS:

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. *Gramática Contextualizada: limpando “o pó das ideias simples”*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAGNO, Marcos. *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

_____. *Português ou Brasileiro?: um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

BECHARA. Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 38ªed. rev. ampl. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

_____. *Lições de Português pela análise sintática*. 19ªed. rev. ampl. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

BRASIL, *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Língua Portuguesa. Ensino Médio. Brasília: 2000, MEC/SEF. pp.15-24.

CUNHA, Celso. *Gramática do Português contemporâneo*. 2ªed. Porto Alegre: Lexikon, 2015.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 6ªed. Porto Alegre: Lexikon, 2007.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos a que língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2007.

LIMA, Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 52ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

LOPES, Célia Regina dos Santos. *O quadro de pronomes pessoais: descompasso entre pesquisa e ensino*. Matruga (Rio de Janeiro), v. 19, p. 116-141, 2012.

PERINI, Mário A. *Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 1995.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação - Uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 1996. v. 1. 245p.